



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**NAIRAM SANTANA DA CUNHA**

**UM OLHAR SOBRE O AXÉ: AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA  
NA ÓTICA DE RAUL LODY**

**RECIFE**

**2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**UM OLHAR SOBRE O AXÉ: AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA ÓTICA  
DE RAUL LODY**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof<sup>fa</sup> Dr<sup>a</sup> Fabiana de Fátima Bruce da Silva

RECIFE

2019

À minha mãe, Edilsa Santana, por todo incentivo,  
amor e puxões de orelha; À dona Ranuzia Santos,  
minha vó paterna, que desde os primeiros dias de  
vida sempre esteve comigo com seus afagos,  
ouvidos e conselhos; E ao meu pai, Geraldo Santos  
(em memória), que não presenciou meu  
desenvolvimento, mas certamente estaria feliz.

## AGRADECIMENTOS

---

Como diz Maria Bethânia: “chegar para agradecer e louvar.” Durante a caminhada da graduação conhecemos e desconhecemos muitas pessoas. Muitas estacionam, outras se perdem, muitas seguem outras rotas, poucas permanecem em nosso caminho. O meu agradecimento vai para todas essas pessoas, pois foram por meio delas que cheguei até aqui. Citarei alguns nomes que foram primordiais durante esses quatro anos e meio.

À mainha e a vovó Ranuzia por não medirem esforços para fazer com que eu concluísse o curso, fornecendo todo tipo de ajuda, emocional, psicológico e financeiro. Vocês são minhas bases, as mulheres que me sustentam, as que me transformaram no homem que sou hoje. Sem vocês eu nada seria. Gratidão para além dessa vida.

À pesquisadora Sylvia Couceiro, da Fundação Joaquim Nabuco, que aceitou-me enquanto bolsista no PIBIC-FUNDAJ para desenvolver a pesquisa sobre religiões de matriz africana sob sua orientação no ano de 2015, que possibilitou a realização deste TCC. Nesta mesma linha, agradeço a Rosalira Oliveira e Zuleica Danta que foram minhas co-orientadoras nesta pesquisa. Agradeço por todo o conhecimento adquirido com vocês durante o período de um ano e pela amizade continuada. Sinto-me honrado por nessa trajetória ter tido três orientadoras num mesmo projeto, grandes nome da História e Antropologia do estado de Pernambuco.

À pesquisadora Cibele Barbosa, também da Fundação Joaquim Nabuco, que acolheu-me como bolsista PIBIC em um projeto de pesquisa, logo após o encerramento da anterior com Sylvia Couceiro. Aprendi bastante sobre os lugares de memória afrodiáspóricas e com isso conheci muitas pessoas e ambientes que jamais pensei frequentar. O meu muito obrigado!

A minha orientadora na universidade, Fabiana Bruce! A senhora não sabe o quanto foi importante em minha vida e o quanto aprendi com a senhora. Serei eternamente grato pela sua existência e amizade. Além de todas as burocracias acadêmicas e dos títulos nos impostos, eu e a senhora nos tornamos amigos. Obrigado pelos conselhos, orientações, sorrisos e credibilidade. Jamais esquecerei o dia que a senhora disse que sentia orgulho de mim. Lhe amo!

À Rafael Ouriques, colega de curso e bolsista da Fundação Joaquim Nabuco, compartilhamos dos mesmos professores na universidade e da mesma orientadora na Fundaj. O meu muito obrigado por aceitar participar da banca de defesa. Minha admiração por você começa nos primórdios de 2014.2, quando adentrei na UFRPE e se estende até os dias de hoje. Gratidão!

Ao pessoal do Maracatu Ògún Onilê que acolheu-me e ensinou-me o que é fazer cultura negra e de resistência no estado.

À Mãe Laine de Oyá, por sempre acreditar em mim, por seus conselhos, por seus abraços, por suas palavras amiga. O meu muito obrigado e sua benção hoje e sempre.

Aos amigos Renan Albuquerque e Emerson Granja, dois padrinhos que a vida me deu. Sem vocês meus dias não teriam tanta cor, alegria e deboche. Saibam que os tenho como exemplo de filho, homem, profissional e amigo. Obrigado por estarem comigo. “*Simbora, aviões!*”

À Matheus Henrique, meu amigo! O irmão que não tive e nem pedi. Nossa amizade simplesmente aconteceu e permanecerá até os astros quiserem. Obrigado por existir! Obrigado por não me fazer desistir, mesmo quando a vontade era de jogar tudo pro ar e abandonar o curso. Grato pela parceria na universidade e na vida. Amo-te! Do meu jeito, mas amo.

À Igor Barreto, ou apenas Barreto. Chegou quando eu jamais pensei que chegaria. Amizade inesperada, criada por que nessa encarnação precisaríamos ser amigos. Seja para pagar uma dívida do passado ou para evoluirmos juntos. O cara que me apresentou o brega, que acredita mais em mim do que eu, que me impulsiona na vida, que me mostra diariamente o quão capricorniano ele é. Obrigado por estar comigo.

À Lauro Júnior, o índio que entrou na universidade para falar sobre o seu povo. Meu amigo que tantas vezes me salvou no mundo acadêmico. E vice-versa. Seguiremos adiante, Lauro!

À Camila Ellen, amiga de infância, desde o pré-escolar juntos e até a aprovação nos vestibulares. Tu na UFPE, eu na UFRPE, distantes, mas tão próximos. Obrigado por estar comigo esse tempo todo. Somos guerreiros, minha confidente. O que seria de mim sem tu? HAHHAHA! Amo-te e não imaginas o quanto. Grato pela sua amizade.

Ao invisível que por tantas vezes se fez presente durante essa trajetória. *Okê arô, Oxóssi! Eparrey, Oyá!*. Mestre Maria Amélia, grato pelos seus conselhos e pelos auxílios na vida. *Salve a mestra!*

*“O arrepio, de deixar cabelo em pé, por favor não se assuste, o nome disso é axé.”* – Domínio público.

# UM OLHAR SOBRE O AXÉ: AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA ÓTICA DE RAUL LODY

Nairam Santana da Cunha<sup>1</sup>

**RESUMO:** A História Cultural nos permitiu ampliar o campo das investigações das atividades humanas com o uso da fotografia como fonte e instrumento de pesquisa do saber histórico, resguardado na cena registrada. Então, sob a ótica iconográfica do antropólogo Raul Lody (1952), este trabalho propõe-se a discutir o axé no Candomblé. Para tanto, utiliza-se como fonte documental prioritária as imagens fotográficas, buscando analisar a sua importância na construção histórica dessas religiões, não reproduzindo o que é apresentado, mas propondo-se a explorar essas imagens criticamente, estabelecendo conexões e reafirmando sua identidade com documentos que as justifiquem. Trata-se de uma pesquisa centrada no diálogo entre a fotografia com as práticas religiosas e o uso dessa fonte na construção histórica da fé dos afrodescendentes.

**Palavras-Chave:** História, Candomblé, Fotografia.

Esta comunicação é resultado da pesquisa realizada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) vinculada a Fundação Joaquim Nabuco<sup>2</sup>, desenvolvida no período de 2015-2016. O objetivo da pesquisa foi analisar as representações sobre as religiões de matriz africana – em especial o Xangô Pernambucano – em fontes iconográficas existentes na Fundação Joaquim Nabuco.

Em meio às coleções fotográficas, rótulos comerciais e jornais<sup>3</sup> analisados presentes no CEHIBRA – Centro de Estudos da História Brasileira -, a coleção Raul Lody chamou atenção por alguns fatores. Dentre eles, a quantidade de fotografias, contendo um significativo quadro de 1.421 fotografias, todas doadas por Lody. Dentre essas fotografias, 431 fazem referências as religiões de matriz africana, todas produzidas entre as décadas de 1970 e 1990.

Outra questão que fez a coleção receber uma análise maior, foram os diversos aspectos religiosos registrados pelo fotógrafo, como o sincretismo religioso com o catolicismo, cerimônias religiosas, danças, festividades públicas e o interior de algumas casas de axé, por ele visitadas. Porém, o motivo principal que possibilitou uma visibilidade maior da coleção

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Correio Eletrônico: [nairamsantana@gmail.com](mailto:nairamsantana@gmail.com)

<sup>2</sup> A Fundação Joaquim Nabuco é uma instituição pública vinculada ao Ministério da Educação. Sediada em Recife-PE. Desenvolve atividades e projetos que estão diretamente ligados aos interesses e programas do Governo Federal com foco na Cultura, Educação e Inclusão Social.

<sup>3</sup> Edições das décadas de 1930 e 1940 do Diário de Pernambuco e Folha da Manhã, disponíveis no setor de microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco, em Apipucos, Recife -PE.

foi que Raul Lody, além de fotografar, escreveu sobre o que fotografou. O mesmo é autor de diversos livros referentes às religiões de matriz africana, em específico o Candomblé<sup>4</sup>, modelo tradicional<sup>5</sup> desenvolvido no estado da Bahia.

Raul Giovanni da Motta Lody, conhecido popularmente como Raul Lody é carioca, antropólogo, museólogo, curador, escritor e fotógrafo; e é responsável por vários estudos na área das religiões afro-brasileiras. Formado em Etnologia e Etnografia pelo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, com especialização no Instituto Fundamental da África Negra e doutorado pela Universidade de Paris.

Encontrou na alimentação o seu objeto de pesquisa. A vasta produção de Lody concentra-se na comida, tema que o antropólogo aborda desde o ato do preparar ao servir, do comer ao se relacionar. Em meio a toda produtividade do antropólogo voltada para a alimentação, Lody realiza pesquisas centradas nas religiões de matriz africana, especialmente na Bahia, onde o antropólogo possui ampla permissão para realização dos estudos, sendo porta-voz das religiões de matriz africana pois, desta maneira, está transmitindo a trajetória e vivência dessas práticas religiosas que sofreram e sofrem discriminação e intolerância religiosa. A propagação das religiões por meio da escrita e fotografias possibilita maior visibilidade ao que até então é visto como algo misterioso ou associado às práticas maléficas ao outro.

Raul Lody é especialista em Antropologia da alimentação e os terreiros de Candomblé são áreas férteis para suas pesquisas, pois é possível encontrar diversos tipos de alimentos que permeiam a religião. Lody catalogou, em pesquisas de campo realizadas nos terreiros da Bahia, 150 alimentos que são ofertados aos deuses e compartilhados pelos adeptos e simpatizantes da religião<sup>6</sup>.

Lody considera os terreiros como locais de fé, festa, e principalmente para se alimentar, pois neles, comem os deuses e comem os homens. O ato de comer, no âmbito das religiões de matriz africana, não se limita apenas ao sagrado. Na alimentação votiva dos deuses. Ele se estende ao profano, alcançando a todos os presentes nos cultos: “A comida é, antes de tudo, um dos mais importante marcos de uma cultura, de uma civilização, de um momento histórico, de um momento social, de um momento econômico<sup>7</sup>”. O *ajeum* é o ato comum da alimentação dentro dos terreiros, onde os fiéis e o público em geral se servem do banquete ofertado. Nesta perspectiva, o antropólogo carioca justifica que

---

<sup>4</sup> LODY, Raul. **Candomblé: religião e resistência cultural**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

<sup>5</sup> A religião Candomblé na Bahia equivale ao Xangô em Pernambuco e Alagoas, Tambor de Mina no Maranhão, Batuque no Rio Grande do Sul, entre outras denominações.

<sup>6</sup> LODY, Raul. *Santo Também Come*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.

<sup>7</sup> *Ibid.* p. 26.



O alimentar-se implica um ato biológico e também social e cultural. A convencionalidade de comer nasce da necessidade de nutrição e de sobrevivência, o que não retira significados simbólicos próprios de cada prato, tipos de ingredientes, locais de feitura e de oferecimento. O ritual de comer sinaliza um dos mais marcantes momentos das diferenças étnicas e profundamente antropológicas.<sup>8</sup>

Por meio das produções de Lody, vamos compreender o Candomblé a partir da sua ótica e, em meio a esta análise, visualizar o AXÉ presente em suas fotografias. Para tal efeito, precisamos, de antemão, caracterizar o que é o axé. Visto que cotidianamente é possível ouvir em conversas informais ou matérias veiculadas nos meios de comunicação, termos ligados as casas de Candomblé como sinônimo de casa de axé ou povo de axé.

Em termos gerais, axé é força! É um poder invisível que transmite uma energia divina e intocável, que as pessoas só pressentem. É a energia vital que permite o desenvolvimento das atividades terrenas, para os adeptos das religiões de matriz africana. A museóloga e dicionarista Olga Gudolle Cacciatore (1997)<sup>9</sup> define axé como

Força dinâmica das divindades, poder de realização, vitalidade que se individualiza em determinados objetos, como plantas, símbolos metálicos, pedras e outros que constituem segredo e são enterrados sob o poste central do terreiro, tornando-se a segurança espiritual do mesmo, pois representam todos os orixás. Esses objetos são chamados axés. Os fixadores, revitalizadores por excelência do axé são as folhas sagradas e o sangue, usados, assim, em todas as cerimônias de “assentamento” dessa força espiritual, seja nos objetos, seja na cabeça dos iniciados.<sup>10</sup>

Sendo assim, o axé é o princípio e o poder que mantém vivo e ativo o sistema religioso. A força invisível de todo ser animado, de toda divindade, de toda coisa. A respeito disso o fotógrafo e etnólogo Pierre Verger (1902 – 1996) relata que “o orixá é uma força pura, *à se* imaterial que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles.”<sup>11</sup> De tal modo axé “é a força que assegura a existência dinâmica, que permite o

---

<sup>8</sup> Ibid. p. 25.

<sup>9</sup> CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

<sup>10</sup> Ibid. p. 56

<sup>11</sup> VERGER, Pierra. **Orixás**: deuses iorubás na África e no novo mundo. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018, p. 27.

acontecer e o devir. Sem *àse*, a existência estaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que torna possível o processo vital.<sup>12)</sup>

Encontra-se o axé numa grande variedade de elementos do reino animal, vegetal e mineral. Está presente em elementos da água, doce e salgada e da terra. Acha-se contido nas substâncias essenciais de seres, animados ou não. Composto nas substâncias essenciais de cada um dos seres que compõem o mundo, o axé das ervas está presente na seiva, líquido que contém os princípios nutritivos e vitais, no sangue dos animais sacrificados e nos pós extraídos dos minerais. O axé composto e transferido aos seres e objetos por essas substâncias mantém e renovam os poderes de realização. O axé

ocorre como impregnação de atributos sagrados. Vem da especificação da prática, procurando sempre a permanência do axé através do cerimonial, incluindo música vocal e instrumental, alimentação, ervas, palavras em línguas africanas e posturas específicas para cada momento.<sup>13</sup>

Como se viu até então, o axé é uma força, porém ela não aparece espontaneamente, é transmitida de um ser a outro. Desse modo, todo ser, objeto ou lugar consagrado só o é por meio da aquisição de axé. Receber axé aponta incorporar os elementos simbólicos que representam os princípios vitais e essenciais de tudo o que existe.

Axé é sobretudo a casa de candomblé, o templo, a roça, a tradição toda. A matriz fundante de toda uma descendência. Axé é linhagem, é família de santo, é saber-se pertencente a uma descendência cuja origem é conhecida e comprovada por registros históricos, pelo trabalho do etnógrafo de outrora, pela prova da fotografia, hoje. Ter axé é ter legitimidade junto ao povo-de-santo.<sup>14</sup>

Dentro desse complexo sistema religioso, a palavra falada também é portadora de axé. A língua é atuante e condutora de poder, onde a transmissão do conhecimento é veiculada por intermédio da comunicação oral, princípio básico das relações interpessoais. A palavra ultrapassa o seu sentido semântico para ser um instrumento canalizador de axé, ou seja, um elemento condutor de poder.

---

<sup>12</sup> SANTOS, Juana Elbein dos. **O; Nagô; e a Morte;** Padê, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1976, p. 39.

<sup>13</sup> LODY, Raul. **Espaço, Orixá, Sociedade;** um ensaio de antropologia visual. Rio de Janeiro: R. Lody, 1984, p.05.

<sup>14</sup> PRANDI, Reginaldo. **O; Candomblé; de São Paulo;** a velha magia na metrópole nova. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1991, p. 104 apud PEREIRA, Hanayrá Negreiros de Oliveira. **O Axé nas Roupas;** indumentária e memórias negras no Candomblé Angola do Redandá. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Universidade Católica de São Paulo. São Paulo-SP, 2017, p. 50

Na “lógica” das religiões afro-brasileiras, a palavra falada é considerada uma importante fonte de axé (força vital) e veículo do poder sagrado. Falar é um ato mágico que impregna por contaminação simbólica o sujeito da fala e seu ouvinte. Na transmissão do conhecimento litúrgico, o que dizer, quando, como e para quem são instâncias determinadas pela hierarquia religiosa.<sup>15</sup>

No Candomblé a tradição de realizar a transmissão dos saberes por meio da oralidade faz com que a fala não seja apenas veículo dos conhecimentos objetivos, mas atue como intermédio nas relações de poder e reciprocidade no grupo religioso.

Sociedades alicerçadas em culturas orais, como as africanas, fizeram da tradição oral patrimônio histórico, literário e filosófico, que sem rejeitar a escrita defendem a preservação da prática da oralidade como sistema vivo, eficaz, renovado e renovador da transmissão do conhecimento.<sup>16</sup>

Ante esta perspectiva é possível destacar que a oralidade torna-se um ritual no ato de contar e reverenciar as lembranças preservadas por aqueles que as vivenciaram e por isso possuem propriedade para discursar acerca do episódio vivido, tornando legítima sua narrativa. A palavra falada é sacralizada, de modo que as culturas orais atribuem à fala a classificação de pilar que sustenta os valores e crenças através da transmissão do conhecimento. A partir da oralidade, a história se propaga e alcança patamares antes nunca imaginados, sendo perpassada entre a linhagem familiar e comunitária, assim como “aquele que toca o tambor não sabe aonde o som chegará<sup>17</sup>”.

### **Fotografia no Candomblé:**

A presença do registro fotográfico nos espaços das religiões de matriz africana é concebida como elemento influente no processo de modernização pelo qual as religiões estão a galgar desde o final do século XX e início do século XXI, ante a necessidade de “modernizar suas práticas e crenças, uma vez que precisa se adaptar aos novos tempos e, portanto, a novas expectativas e anseios dos praticantes.<sup>18</sup>” Por meio do processo de

---

<sup>15</sup> SILVA, Vagner Gonçalves. **O antropólogo e sua magia:** trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 44 apud. PEREIRA, 2017, p. 44.

<sup>16</sup> DUARTE, Zuleide. **Outras Áfricas:** elementos para uma literatura da África. Recife: Editora Massangana, 2012, p. 11.

<sup>17</sup> Provérbio africano.

<sup>18</sup> CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **Religiões Afro-Descendentes no Recife:** uma trajetória de modernização e reinvenção de tradições na história. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, Julho 2011, p. 02.

modernização, rituais, eventos, vestimentas e aspectos físicos dos terreiros são ressignificados, assim como o aprendizado dos fundamentos religiosos, que passam a se fazer também pelo uso da escrita, áudio e fotografia, não limitando-se apenas a oralidade, como antes.

A presença da fotografia dentro dos terreiros de Candomblé é um assunto em discussão, pois algumas casas permitem o uso, outras não. As que restringem o uso fotográfico no ambiente religioso justificam o ato afirmando que o Candomblé é uma religião iniciática e hierarquizada, cujo conhecimento é adquirido por meio da transmissão oral e do envolvimento do fiel com os compromissos da religião, ao longo do tempo. A não permissão da fotografia nos rituais é para que os detalhes não sejam revelados, por mais que ingênua a fotografia possa parecer, pois podem fornecer condições para que alguma pessoa, de terreiro ou não, decifre os procedimentos que devem, em tese, passar por uma trajetória de ensinamento oral, observação e convívio.

Por outro lado, com o advento da modernidade, casas mais recentes permitem o uso da fotografia, desde que solicitada permissão aos dirigentes locais<sup>19</sup>. Tal ato é permitido na atualidade para que os registros criem uma memória coletiva das casas, tornando-se um registro histórico da religião, das tradições e dos fiéis. Este pensamento dialoga com a constatação de que o Candomblé pode ser definido não somente como religião, mas como sociedade, cultura e religião. Com isso, é possível entender que

A imagem fotográfica fornece sempre informações acerca do objeto fotografado, sejam elas relativas a determinado assunto que ocorre na realidade visível, material, mas também em motivos puramente abstratos ou ficcionais. Isso significa que são ilimitadas as possibilidades temáticas e que a criação só encontra limites na imaginação do fotógrafo.<sup>20</sup>

A fotografia por si não se completa. Ela não reúne em seu conteúdo o conhecimento definitivo da ação realizada, sendo necessário complementar seu discurso com documentos que alimentem a informação que se queira transpassar, como arquivos oficiais, periódicos da época, literatura e histórias a respeito do acontecimento. As informações escritas são primordiais para legitimar a autenticidade da fotografia e favorecer o seu conceito documental. A fotografia pontua e congrega discursos.

A fotografia foi e ainda é vista como um modelo ideal de representação da realidade, como instrumento documental e objeto analógico do real. Ao público leigo, a

---

<sup>19</sup> É o caso da Roça Oxaguiã Oxum Ipondá, fundada em 1992 e do Ilê Axé Boku Ibô Omo Opaoka, fundado em 2010, ambas situadas na cidade de Recife-PE.

<sup>20</sup> KOSSOV, Boris. **Fotografia e História**. 5ª edição. São Paulo: Ateliê, 2014, p. 56.

imagem revelada soa como única e verdadeira sem perceber que aquela representação do real foi construída pelo fotógrafo, para uma finalidade a partir das suas intenções<sup>21</sup>.

“Cada fotografia provoca que se contem histórias<sup>22</sup>”. Seguindo a afirmação da historiadora Fabiana Bruce (2013), contamos que nas fotografias realizadas por Raul Lody é perceptível que as mesmas são ambientadas e possuem um caráter mais documental evidente. Os objetos e atributos, quando aparecem, estão sempre em primeiro plano e o objetivo é apresentar o mais real da cena e seus detalhes. Os registros presentes na Coleção Raul Lody da Fundaj são diversos e apresentam características distintas presentes no universo religioso do Candomblé, indo do peji às festas públicas<sup>23</sup>.

Lody registrou aspectos íntimos das religiões, como os pejis, local sagrado onde a maioria dos pais e mães de santo não permitem o registro de imagens, muito menos visitação ao santuário por pessoas não iniciadas. Neste local sagrado, são iniciados os filhos de um terreiro e estão localizados os assentos dos orixás: pedras, ferramentas de metal, madeira, conchas, a depender do orixá. No peji o orixá fica resguardado e é alimentado, recebem o axé, através das oferendas e sacrifícios, enquanto que nas cerimônias religiosas ele, no corpo do iniciado, dança e torna-se público. O motivo pela restrição de acesso ao peji pelos não devotos da religião é a sacralidade instituída ao recinto.

Nesta fotografia, como em outras que apresentam o mesmo aspecto religioso, observa-se a presença de símbolos da fé católica em harmonia com elementos do Candomblé, evidenciando o sincretismo ainda presente no cotidiano dos fiéis das religiões de matriz africana. A imagem de São Jorge representando o orixá Ogum e Jesus Cristo crucificado remetendo a Oxalá.

O sincretismo religioso aparece como forma de resistência entre os negros, de forma a manterem o culto dos seus deuses como realizavam em África, antes do processo de

Figura 1 – Peji.



Fonte: Raul Lody / Acervo Fundaj

<sup>21</sup> KOSSOY, 2014, p. 51.

<sup>22</sup> SILVA, Fabiana de Fátima Bruce da. **Caminhando numa cidade de luz e sombras: a fotografia moderna no Recife na década de 1950**. Recife: Editora Massangana, 2013, p. 19.

<sup>23</sup> O peji é o altar dos orixás, onde ficam os símbolos, pedras, fetiches, e comida dos mesmos.

escavidão pelo qual passaram. De acordo com Campos (2011), “a religião dos afrodescendentes surge no Brasil de um processo sincrético proveniente de um confronto de valores luso e afro-brasileiros e não como uma fusão de elementos diferenciados. É uma criação, uma construção do novo.”<sup>24</sup>

Outrora, o sincretismo foi necessário para permanência e promulgação da fé do povo negro. Na atualidade essa conduta não é mais oportuna uma vez que não é mais preciso esconder ou camuflar os utensílios religiosos por medo da repressão policial<sup>25</sup> ou recolhimento dos mesmos pela não aceitação. As religiões de matriz africana já ocupam posição entre as demais que compõem o Brasil, com seus elementos litúrgicos já inseridos na sociedade.

### **Axé nos alimentos:**

A comida é grande portadora de axé, pois é fonte de nutrientes necessários para a sobrevivência do ser humano. Nesta perspectiva, a cozinha torna-se um local tão sagrado e fundamental para o desenvolvimento da religião quanto o peji<sup>26</sup>. É na cozinha onde tudo começa e finaliza, pois nesse espaço é preparada a comida dos deuses, regrada a uma série de rituais e combinação de ingredientes. Em síntese, a cozinha é o um grande laboratório onde o saber fazer, a fé e o respeito mantêm um diálogo entre si, para encanto dos deuses.

Em toda cerimônia religiosa dentro do Candomblé, seja ela de cunho público ou privado, a comida está presente. Para Lody, a arte de preparar, comer e servir no Candomblé é um ritual que merece ser respeitado em todas as suas etapas, uma vez que se está lidando com uma força vital.

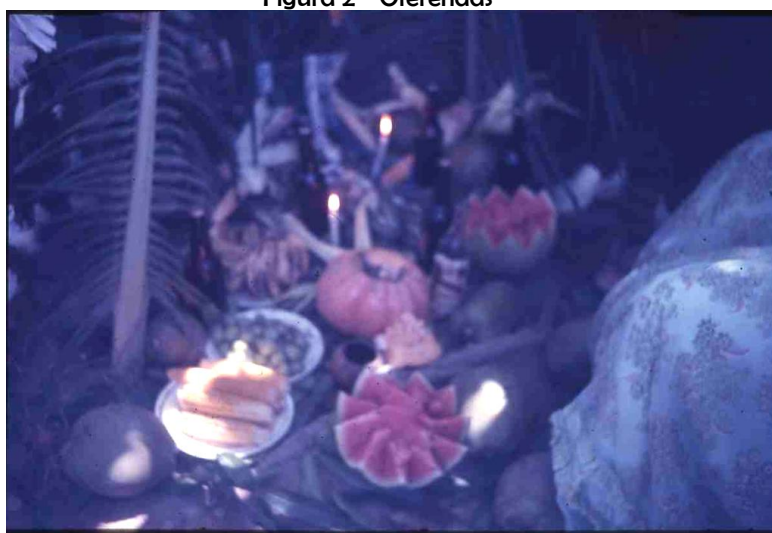


Figura 2 - Oferendas

Fonte: Raul Lody / Acervo Fundaj

<sup>24</sup> CAMPOS, 2011, p. 02.

<sup>25</sup> Ver CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **O Combate ao Catimbó:** práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta. 2001. 315f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2001; FERNANDES, Gonçalves. **Xangôs do Nordeste:** Investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

<sup>26</sup> LODY, 1987, p. 54.

O ato de comer dentro do Candomblé ganha outros significados além da visão nutricional. O comer dentro dos terreiros pode ser visto como um processo de relacionamento com todos os fundamentos religiosos. Lody informa que ao comer dendê, alimento típico africano, o indivíduo esteja se alimentando da África. Ou seja, comer nos terreiros é manter uma aproximação com a África e se ligar com suas tradições.

Se uma África geral é assumida no dendê, então comer dendê é comer um pouco da África, trazendo-a, assim, para a intimidade de um prato, de um ritual, de um gosto condicionado às civilizações e às histórias dos povos africanos. Reforçam-se laços e nutrem-se relações simbólicas a partir das gastronômicas.<sup>27</sup>

O conceito de comer dentro do Candomblé é amplo, vai além da boca. Tudo está associado às lembranças e a ação de que tudo come. “Come o chão, come o ixé, come a cumeeira, come a porta, come o portão, comem os assentamentos<sup>28</sup>”. O dar de comer aos seres inanimados apontados por Lody é acionar axé nesses objetos, ou seja, colocar oferendas nesses espaços, sejam elas um conjunto de ervas ou alimentos, até mesmo o sangue de algum animal sacrificado. Neste caso, comer é estabelecer vínculos com a existência da vida e manter ligação com os princípios ancestrais.

### **Axé nas roupas:**

Outro elemento que também contém axé dentro da liturgia religiosa do Candomblé é a roupa. Conhecida como axó, a roupa ritual é tão importante como o alimento, como os atabaques que soam em reverência aos deuses africanos.

Por meio do axó é possível perceber a patente hierárquica que a pessoa que a utiliza pertence. Os cargos mais elevados podem ser identificados através de seus trajes, que são mais elaborados e adornados, confeccionados com tecidos que diferem dos demais. Quando nos referimos a cargos elevados, queremos chamar a atenção para os babalorixás e yalorixás, isto é, pais e mães de santo, termo ao qual são reconhecidos popularmente.

Os fiéis pertencentes às patentes inferiores também utilizam roupas elaboradas, porém as utilizam nos dias das festas públicas. Essas festas são as que, geralmente, são realizadas as saídas de iaô ou de obrigações grandes, onde é festejado junto com o orixá reverenciado<sup>29</sup>.

---

<sup>27</sup> LODY, 1998, p. 27.

<sup>28</sup> Ibid. p. 27.

<sup>29</sup> Iaô: nome dado a etapa final do processo de iniciação que o fiel se submeteu. Após dias recolhidos dentro do terreiro onde são realizadas diversas obrigações e aprendizados, o indivíduo sai na festa pública, em transe, diante de todos os presentes, mostrando que nasceu para o orixá.

A roupa dos orixás é diferente das utilizadas durante a cerimônia religiosa. São roupas confeccionadas especialmente para eles e utilizadas apenas em momentos oportunos, como as festas públicas. No momento do transe, o fiel é levado para dentro do peji e retorna com a roupa e adereços que lhe pertence e caracteriza o orixá que está em

Figura 3 – Fiel em transe com orixá lemanjá



Fonte: Raul Lody / Acervo Fundaj

tudo o seu corpo. Cabe ao fiel arcar com os custos necessários para a confecção da roupa, muitas vezes sendo produzida por seu/sua irmão/irmã de santo. É sabido que as roupas são mais elementos de embelezamento do que de necessidade, pois o orixá, sua energia materializada, não carece tanto adorno em volta de si. Essas roupas são uma forma de gratidão, um reconhecimento do fiel para o seu Deus, diante de toda a ajuda que lhe foi fornecida durante o ano. É uma forma de amor e respeito.

Na figura 3, ao lado, observamos uma fiel em transe com o orixá lemanjá, que é possível identificar devido as cores da sua vestimenta e a ferramenta com símbolos de peixes usada em suas mãos. lemanjá é a grande matriarca, mãe de

todas as cabeças, tendo o mar como seu domínio e morada. Sua roupa brilha para todos; é azul.

Em meio às fitas de cetim que ornamentam as saias e aos tecidos cintilantes que dançam no salão, existe outro tipo de roupa que é comumente utilizada no dia a dia dentro dos terreiros de Candomblé e que só são vistas pelos fiéis da casa, ou seja, os iniciados naquele terreiro. São as roupas de ração<sup>30</sup>. Este termo advém do período colonial, onde as roupas dos negros escravizados eram produzidas com tecidos menos elaborados e grosseiros, muitas vezes feitas de sacos de ração.

Então, “as roupas de ração” utilizadas no cotidiano dos terreiros de Candomblé são “ assim chamadas, pois vem da ideia da roupa que come, que recebe obrigações durante os vários rituais religiosos nos terreiros, sendo assim nutrida pelo sangue e pelo axé de tais cerimônias<sup>31</sup>”. O termo também pode estar associado à memória das roupas antigas, visto

<sup>30</sup> PEREIRA, 2017, p. 68.

<sup>31</sup> Ibid. p. 69.



que “a roupa de razão” não possui o mesmo refinamento das roupas de festa. É uma roupa que pode ser manchada, rasgada e desgastada no cotidiano religioso.

No tocante às representações, o historiador Roger Chartier (2002) declara que “a representação manifesta uma ausência, o que supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representado; de outro, a representação é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa<sup>32</sup>”. Então, partindo dos estudos sobre as religiões de matriz africana entre as práticas e representações, buscamos perceber a manifestação religiosa por meio da leitura de imagens e suas representações.

Ainda segundo Chartier (2015), “o saber histórico pode contribuir para dissipar as ilusões ou os desconhecimentos que durante longo tempo desorientaram as memórias coletivas.<sup>33</sup>” Seguindo este pensamento, Lody defende que “o candomblé assume, então, a função de manutenção de uma memória reveladora de matrizes africanas.<sup>34</sup>”

Desse modo, a utilização da fotografia como documento vivo e eficaz para o maior conhecimento das religiões de matriz africana segue o mesmo liame que a oralidade presente nos cultos, pois carregam em si o axé, uma representação, que emana das substâncias e divindades. A oralidade mantém-se resistente no Brasil, país ocidental, onde a grafia domina os meios de comunicação. Sendo assim, ambas as transmissões dialogam entre si sobre o mesmo assunto, apresentados de formas diferentes.

Por fim, ressaltamos que toda fotografia conta uma história. Uma história visível ao olhar e outra invisível: a que está por trás da câmera. Os autores das fotografias são os mediadores entre o real e a representação, cabe a ele revelar a cena do evento ao espectador. Com as fotografias de Raul Lody não são diferentes, elas revelam a quem as observa um cenário contrário ao que é espetacularizado nas mídias ou fetichizado pelos leigos da religião. O material documental que Lody apresenta pode ser considerado como “obra de salvaguarda”, pois contém não só a vivência religiosa, mas também a vida social, a ética, a moral, a tradição, basta olhar nas entrelinhas de cada fotografia para perceber. Enfim, as fotografias saem em defesa de manter e preservar a cultura do negro no Brasil.

---

<sup>32</sup> CHARTIER, Roger. À Beira da Falésia. Porto Alegre: Editora Universidade, 2002, p. 74.

<sup>33</sup> CHARTIER, Roger. A História ou a Leitura do Tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 24.

<sup>34</sup> LODY, 1987, p. 10.

## Normas de publicação da **Revista Discente História.Com - UFRB**

**Formatação do artigo:** Solicitamos do autor que faça seu [CADASTRO](#) no sistema da revista. Sem a realização desse procedimento não conseguirá submeter o artigo ou resenha.  
**NÃO ACEITAREMOS ARTIGOS/RESENHAS ENCAMINHADOS POR E-MAIL.**

**I.** Os arquivos deverão ser salvos na extensão “doc”, digitados no editor de texto Microsoft Office Word, edição 1997-2003 ou superior;

**II.** Fonte Berlim Sans F, tamanho 12, espaçamento 1,5;

**III.** Margens superior 2,5 cm, inferior 2,5 cm, esquerda 2,5 cm, direita 2,5 cm;

**IV.** A autoria deverá ser omitida do "doc" a ser anexado, pois as avaliações são às cegas;

**V.** Os artigos deverão conter resumo com até dez linhas, entre 3 e 5 palavras-chave, em português. As palavras-chave devem ser citadas no seguinte modelo: **Palavras-chave:** História. Religião. Literatura. Política;

**VI.** Os textos não deverão conter colunas ou separação de sílabas hifenizada;

**VII.** As páginas não devem ser numeradas;

**VIII.** As citações de até três linhas devem constar entre aspas, no corpo do texto, com o mesmo tipo e tamanho de fonte. As referências das mesmas devem constar em nota de rodapé tamanho 10 e estilo Berlim Sans FB;

**IX.** As citações a partir de quatro linhas devem estar com recuo esquerdo de 4 cm, tamanho 10 e fonte Fonte Berlim Sans FB;

**X.** As referências devem constar em nota de rodapé;

**XI.** As notas referentes às citações deverão ser colocadas nas notas de rodapé seguindo o padrão da ABNT (Idem, Ibidem, op. cit., Cf., e demais termos recomendados). Em caso de dúvida verificar modelo de citação presente nos artigos do n.6 de 2016;

**XII.** As notas de caráter explicativo/complementar também devem vir em nota de rodapé;

**XIII.** As tabelas (quando houver) devem ser digitadas seguindo a formatação padrão de tabela do programa editor de texto e ABNT;

**XIV.** As imagens devem seguir as normas da ABNT.

**OBS.:** Não aceitaremos contribuições acadêmicas que tenham **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA** após o corpo do texto, as referências usadas para a construção do trabalho devem vir em nota de rodapé e usadas adequadamente, conforme regem as normativas acima citadas e da ABNT.